

Dando voz ao Imperialismo Brasileiro: Euclides da Cunha e a Amazônia

Lúcia Sá

Tradução de Larissa Lagos¹

Universidade Federal de Ouro Preto

Os ensaios incluídos em *Land Without History* são o resultado de uma longa viagem de Euclides da Cunha à Amazônia em 1905 como membro de uma expedição conjunta entre Brasil e Peru para determinar as fronteiras entre as duas nações. Esta viagem teve um grande impacto em Euclides², que ficou obcecado com a ideia de escrever um longo livro sobre a região intitulado Paraíso Perdido, que faria pela Amazônia o que seu celebrado *Os sertões*³ fez pelo sertão do nordeste: apresentar os interiores do Brasil às populações urbanas educadas do sul que pouco os conheciam. Contudo, Euclides nunca concluiu esse projeto. Ele produziu, ao invés disso, uma série de ensaios avulsos, dos quais a maioria (os traduzidos aqui) transformou posteriormente na primeira parte do livro *À margem da história*, publicado logo depois da sua trágica morte em 1909⁴.

O que confere a esses textos seu destaque está em parte no status de culto que seu autor tem na história intelectual brasileira. Embora o Brasil tenha produzido muitos escritores mais importantes que Euclides, poucos (se algum) foram tão proeminentemente destacado em exposições, conferências especiais, discursos políticos e acadêmicos. Não apenas a cabana onde escreveu *Os sertões* foi preservada como um objeto de peregrinação cultural, mas também foi coberta com uma estrutura protetora, assemelhando-se

¹ Larissa Ceres Lagos é formada em Letras Portugues-Inglês, especialização em Estudos Literários, mestrado e doutorado em Estudos da Tradução pela UFSC. Atualmente é professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, atua principalmente na área de Literatura de Língua Inglesa e desenvolve pesquisa na área de Tradução.

² Na história crítica e cultural brasileira, o autor é geralmente chamado de Euclides.

³ *Os sertões* tem uma magnífica tradução feita por Samuel Putnam chamada *Rebellion in the Backlands*. Refiro-me ao título original para manter a especificidade do lugar *sertão*, o qual não significa “backlands” em geral, mas uma área particular no interior do nordeste frequentemente assolada pela seca. Pessoas do sertão, os *sertanejos*, são uma presença importante em *Land Without History* como veremos

⁴ Alguns outros ensaios que Euclides escreveu sobre a Amazônia estão inclusos como, por exemplo, *Relatório da comissão mista brasileiro-peruana de reconhecimento do alto purus* (1906), *Contrastes e confrontos* (1907) e *Peru versus Bolívia* (1907). Escolhi incluir apenas ensaios de *À margem da história* porque foram reunidos como uma unidade pelo autor. Uma compilação que incluiu todos seus textos amazônicos incluiria considerável repetição e alguns textos altamente técnicos. Tal compilação foi feita, em Português, por Helton Rocha, intitulada *Um paraíso perdido: Reunião dos ensaios amazônicos* (1976). Para uma excelente análise dos ensaios amazônicos de Euclides, ver Hardman.

a um santuário. Ele é reverenciado por críticos da esquerda e da direita como um autor que penetrou a alma da sua nação como nenhum outro havia feito anteriormente. Porém, comentários sobre seu livro mais importante, *Os sertões*, foram desde o início cercados de justificativas e desculpas. Críticos dizem que ele, algumas vezes, aderiu muito rigorosamente aos modelos positivistas de ciência e conhecimento, mas também foi capaz de subverter e contradizer tais modelos⁵. Seu estilo - uma desconcertante mistura do jargão científico da época e imagens literárias hiperbólicas (imitadas por autores menores por décadas após sua morte) - beira o mau gosto, embora, como críticos costumam observar rapidamente, nunca chega a ultrapassar esse limite⁶. Eventos dramáticos da sua biografia também ajudaram a alimentar o mito de Euclides da Cunha: em 1909 ele foi assassinado pelo jovem amante da esposa, como foi também seu filho, anos depois, na tentativa de vingar a morte do pai.

Claro que o estilo e a vida pessoal de Euclides não são suficientes para explicar a fascinação que ele exerce no Brasil e afora. Talvez a principal razão para essa fascinação seja a problemática auto-localização nos seus próprios textos, que se assemelha, poderia dizer, à posição sustentada hoje por muitos intelectuais brasileiros em relação à massa pobre e ignorante. Essa posição problemática faz os ensaios em *Land Without History* um marco importante na escrita latino-americana. Eles dificilmente nos trazem um completo ou detalhado relato da Amazônia no início do século XX. Ao invés disso, o que esses ensaios nos oferecem é um testemunho convincente da iniciativa colonial brasileira na Amazônia, e das suas tendências imperialistas em relação aos Estados-nações vizinhos.

Com o intuito de conhecer a postura de Euclides nos ensaios amazônicos, nós precisamos olhar brevemente para o texto que o fez famoso da noite para o dia: *Os sertões*. Publicado em 1902, o livro é um relato sobre uma comunidade de supostos monarquistas nos sertões da Bahia que foi reprimida pelo Brasil republicano. Euclides, que era engenheiro de formação, foi a Canudos como um repórter para o jornal *O Estado de São Paulo*. Ele já havia publicado um artigo sobre a revolta monarquista no mesmo jornal, intitulado “A nossa vendéia” - efetivamente incorporando da Revolução Francesa. A rebelião de Canudos estava constantemente nas notícias àquela época: manchetes alimentaram o pânico dos leitores urbanos exagerando o tamanho da revolta e sua significância política como um movimento antirrepublicano. Euclides escreveu *Os sertões* imediatamente após retornar da batalha. As opiniões expressadas no livro diferiam consideravelmente do

⁴ Ver, por exemplo, Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira* (São Paulo: Cultrix, 1970); e Luiz Costa Lima, “Os Sertões: Ciência ou literatura?” *Revista Tempo Brasileiro* 144 (2001).

⁶ Ver Gilberto Freyre, “Euclides da Cunha: Revelador da realidade brasileira,” em Euclides da Cunha, *Obra Completa* (Rio Aguilar, 1966), 1:17-31.

artigo da Vendéia: a motivação monarquista tinha sido substituída por um retrato dos *sertanejos*, que oscilava entre deplorá-los como fanáticos religiosos e simpatizar com eles, como mestiços movidos pela pobreza, deixados de lado pelo recém-criado sonho republicano. A postura posterior fez *Os sertões* um esclarecedor estudo da sociedade brasileira que permitiu aos brasileiros urbanos, especialmente sulistas, contemplar outro interior do Brasil longe ao norte – um Brasil que não era – e não queria ser – parte do projeto modernizante. Eleito para a Academia Brasileira de Letras apenas um ano após a publicação *Os sertões*, Euclides da Cunha tornou-se um dos mais celebrados escritores, embora seu livro dificilmente possa ser classificado como “literatura” de maneira convencional. As críticas repetidamente apontaram que *Os sertões* mistura diversos gêneros: relatórios “científicos”, sociologia, história, registro militar, jornalismo e prosa poética. O que faz extraordinário é a oscilação autor/ narrador, o preconceito “científico” que abraça contra o “*sertanejo do sertão*” e a admiração de sua capacidade de resistir; seu duradouro apoio à campanha militar e suas denúncias a elas como um massacre brutal.

A postura de Euclides em relação ao massacre de Canudos, a qual Renato Rosaldo se refere como “um tipo particular de nostalgia, geralmente encontrada sob imperialismo, no qual pessoas lamentam a morte do que eles próprios se transformaram”. Essa “nostalgia imperialista,” um elemento inevitável da iniciativa colonial, também é vista na trajetória de etnógrafos que involuntariamente contribuíram para a destruição das próprias culturas às quais se dedicaram. Um projeto da e para as elites, a nação brasileira na sua independência incorporada por vários grupos que não tinham desejo fazer parte dela; revoltas em partes diferentes do país - como a Cabanagem o Pará e a Farroupilha no sul - já haviam demonstrado que a união da nação não era de forma alguma garantida. Canudos foi a última dessas grandes revoltas regionais, e particularmente notável para as elites sulistas porque foi aparentemente provocada pela declaração da república federal. O ataque do Estado a Canudos é, dessa forma, uma investida colonialista: uma tentativa forçada de dominar um grupo que viu como relutante a unir-se ao projeto de nação. Como um jornalista “incorporado” acompanhando a última expedição militar, e sendo ele mesmo um ex-militar, Euclides devotou dúzias de páginas de seu longo livro descrevendo, com inegável fascinação, a guerra e suas estratégias. Ao mesmo tempo, sua crescente admiração pelo que ele chama de “*sertanejos ao avesso*” levou-o a arriscar a modificação da teoria científica da época para explicar como, racialmente misturados como eles provavelmente eram, os *sertanejos* estavam bem adaptados ao seu ambiente - um caso raro no qual uma “raça inferior” (os índios) que, acima de tudo, tinha prevalecido. Apesar de louvar a bravura e a resiliência do *sertanejo*, e apesar da sua condenação final da invasão

militar, Euclides teve participação na destruição de Canudos. Não apenas isso, ele também pertenceu a e se identificou com as elites urbanas que tomaram para si a tarefa de civilizar, através da força, o resto do país. Não pode haver melhor expressão da nostalgia imperial que sua famosa frase de *Os sertões*, “Estamos condenados à civilização”. O paradoxo da sua formulação de perfeitamente congruentes com a definição de nostalgia imperialista de Rosaldo: “Nostalgia imperialista gira em torno de um paradoxo: A pessoa mata alguém, e então lamenta a vítima. De forma mais atenuada, alguém deliberadamente altera a forma de vida, e então se arrepende que as coisas não permaneceram como eram antes da intervenção”.

Conforme Euclides avançou de *Rebellion in the Backlands* para os ensaios amazônicos, sua nostalgia imperialista parece ter dado lugar, quase totalmente, ao imperialismo franco: ao invés de culpar a si mesmo ou seu próprio país por eliminar culturas e o meio-ambiente, ele culpou outros países ou as próprias vítimas. Contudo o paradoxo que define nostalgia imperialista ainda está presente nesses ensaios, na forma que Euclides usa os *sertanejos* para condenar remotamente e promover as atividades e o envolvimento do Brasil na Amazônia.

Euclides seguiu para a Amazônia encabeçando a expedição binacional na parte brasileira da fronteira e, como tal, estava inevitavelmente comprometido com a postura oficial do país em relação à região. Menos de dois anos antes da sua jornada, Brasil e Bolívia assinaram o Tratado de Petrópolis em 1903, com a Bolívia cedendo ao Brasil seus inegáveis direitos (de acordo com a lei internacional) a uma grande proporção do Acre em troca de 2 milhões de libras esterlinas e o direito perpétuo de trânsito livre no sistema amazônico no Brasil. De sua parte, o Brasil assumiu os problemas da fronteira entre Bolívia e Peru. Muitos brasileiros e a maioria dos vizinhos brasileiros enxergaram o tratado como uma intervenção diplomática de mão pesada, apoiada por ameaças militares irracionais⁷. O tratado consolidou a posição imperialista na Amazônia e, até certo nível, no resto da América do Sul. Resultou de vários anos de negociações amargas entre as duas nações, que incluíram duas revoluções no Acre (numa das quais ganhou um status de independência temporária como República do Acre), muitas batalhas militares com muitas mortes em ambos os lados, e uma variedade de negociações diplomáticas não apenas entre Brasil e Bolívia, mas também entre essas duas nações e os Estados Unidos (que foi acusado, em decorrência de 1898, de tentar tomar controle da região), Peru, Grã-Bretanha, Chile e Argentina. O principal argumento usado na época pelos que defendiam

⁷ Ver Charles Strokes, “The Acres Revolution, 1899 - 1903: A Study in Brazilian Expansionism” (Ph.D. diss., Tulane University, 1974).

o direito do Brasil ao Acre era o conceito de *uti possidetis* – a ideia de que o território deveria pertencer àqueles que o ocupavam produtivamente. À época, o Acre era economicamente importante por causa da sua grande produção de borracha, uma commodity extremamente valiosa no comércio internacional. Essa produção atraiu um grande número de trabalhadores migrantes da região da seca do Ceará no sertão. Os *cearenses* ocuparam uma parte considerável que legalmente pertencia à Bolívia e, quando os bolivianos tentaram reivindicar o controle fiscal, os recém-chegados iniciaram uma revolta apoiados em parte por grandes companhias de borracha de Manaus.

Menos de dois anos depois que o tratado foi assinado, Euclides viajou para o Acre com a responsabilidade de estabelecer as fronteiras entre o território recém-adquirido e o Peru. Foi uma viagem tensa, uma bravata nacionalista, que terminou insatisfatoriamente para ambos os lados. A visão de Euclides é, então, colorida pela sua postura oficial e parecerá desconhecida para seus leitores contemporâneos⁸. Imagens atualmente associadas à maior floresta tropical - a diversidade da fauna e da flora, a presença de população indígena, tradições de conhecimento nativo e local - estão visivelmente ausentes. Ao invés disso, a Amazônia é apresentada em *Land Without History* como uma história cuja função e destino são a colonização.

Como *Os sertões*, essa coleção de ensaios começa com uma descrição física do território que mistura jargões científicos com visões altamente pessoais e apaixonadas. O objetivo dessa descrição é, em ambos os livros, estabelecer uma base topográfica para os argumentos que o autor continua a desenvolver. *Os sertões*, por exemplo, apresenta as plantas e a terra do *sertão* como resilientes e fortes, capaz de suportar o pior sofrimento - uma descrição que prefigura os próprios *sertanejos* posteriormente no livro. Em *Land Without History*, o primeiro ensaio descreve a natureza como incompleta, imperfeita, inacabada. Os grandes rios, especialmente o Amazonas, são sempre retratados como destruidores de suas margens e espalhando-se em novos leitos. O único tipo de adaptação humana que funciona na região é, de acordo com Euclides, nômade, porque a natureza é inconstante e elimina, através de autodestruição, todos os traços de sua própria história. Ao apresentar a natureza amazônica dessa maneira, Euclides faz da terra física um conceito praticamente inexistente, substituindo por definições territoriais baseadas na ação humana. Ao descrever fronteiras físicas como inerentemente instáveis, Euclides prepara o caminho para os próximos ensaios do livro, quando ele dá aos colonos *sertanejos* crédito total pela definição territorial no Acre “E não desapareceram (os *sertanejos*). Ao contrário, em menos de trinta

⁷ Ver *Relatório da comissão mista e Tocantins*.

anos, o Estado que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empantanado, a estirar-se, sem lindes, para sudoeste, definiu-se de chofre, avantajando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento econômico” (19). Em outras palavras, fronteiras puderam apenas estabilizar-se depois que trabalhadores brasileiros chegaram e fundaram cidades e vilas. A lógica espacial da Amazônia aqui, para Euclides, é a lógica de *udi possidentis*.

Não é a única terra cuja estabilidade física é negada nesse ensaio. Como o título do livro nos diz, história é também marginal ou inexistente na região Amazônica. Quando descreve o Rio Amazonas, por exemplo, Euclides clama que as margens vistas no século XVI por Francisco Orellana, o primeiro europeu a descer o rio navegando, foram destruídas pelo próprio rio - história, em outras palavras, foi lavada fisicamente. Essa referência torna-se ainda mais significativa quando relembra o relatório de Frei Gaspar de Carvajal sobre a expedição de Orellana, o qual descreve as margens do Rio Amazonas como sendo massivamente povoada por nativos. O fato de que os relatórios de Carvajal estavam agora tendo uma corroboração por escavações arqueológicas lideradas por Anna Roosevelt enfraquece seriamente os argumentos de Euclides, pois nenhuma escavação seria possível de ter destruído as margens tão definitivamente como ele clamou. A destruição das margens do rio Amazonas no primeiro de seus ensaios amazônicos é o caminho para eliminar toda história anterior à chegada dos europeus na região, e, portanto, qualquer possibilidade de reivindicação da terra pelos legítimos donos da Amazônia, os habitantes originários nativos americanos. Isso nos ajuda a entender porque americanos nativos estão mais ausentes em *Land Without History*, e assustadoramente pouco nos primeiros ensaios do livro, precisamente aqueles ensaios que definem a região histórica e geograficamente. O primeiro ensaio, por exemplo, menciona pessoas nativas apenas de passagem, como parte de um discurso que realça como as maiores tentativas de trazer “progresso” para a região falharam. Em geral, após a leitura dos primeiros três ensaios do livro, a pessoa poderia ser levada a acreditar que o Acre era um território originalmente vazio e que se tornou popular apenas com a chegada dos *cearenses*. Nesse caso, por exemplo, na referência de Euclides para a área ter sido ocupada por “três séculos” - uma negação explícita da vida humana na Amazônia antes dos europeus, ou seus comentários sobre a paisagem amazônica como hostil à ocupação humana: “Desaparecem as formas topográficas mais associadas à existência humana. Há alguma coisa extraterrestre naquela natureza anfíbia, misto de águas e de terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua própria grandeza.” (17) Tais referências contradizem a percepção de ocupação anterior ou presente na Amazônia, geralmente, e no Acre, especificamente, que ele mostra em outro lugar no seu livro, assim como uma bibliografia estabelecida sobre a Amazônia que ele deve ter

tido conhecimento: *O Selvagem* (1890) de Couto de Magalhães, *Poranduba amazonense* (1890) de Barbosa Rodrigues e *Jurupari* (1980) de Ermanno Stradelli, por exemplo, todos que afirmam primeiramente a significância não apenas de ocupação nativa da região, mas da noção de nativos da ocupação.

A primeira aparição de vida de pessoas indígenas em *Land Without History* é muito curiosa e aparece apenas no fim do terceiro ensaio, “Um clima caluniado”. Entre os estrangeiros (não-brasileiros) que estiveram se estabelecendo na região de Purus, Euclides inclui o “ao italiano aventureiro e artista que lhes bate as margens, longos meses, com a sua máquina fotográfica a colecionar os mais típicos rostos de silvícolas e aspectos bravios de paisagens” (22). Pela primeira vez, o leitor toma ciência da presença da existência de pessoas indígenas na região, mas ainda assim eles são fantasmagóricos, capturados na “selva” através das lentes de um “artístico” viajante europeu.

No quarto ensaio, “Os Caucheros”, Euclides ingenuamente diferencia os índios que ele conheceu no território brasileiro daqueles que aparecem no lado peruano. Para começar, índios brasileiros são mencionados mais uma vez, de passagem, a fim de serem contrastados com as pessoas realmente perigosas que habitavam as terras peruanas de Madre de Dios:

Quem sobe o Purus, contemplando de longe em longe, até às cercanias da Cachoeira, os paumaris rarascentes, mal recordando os antigos donos daquelas várzeas; e dali para montante os ipurinás inofensivos; ou a partir do Iaco, os tucunas que já nascem velhos, tanto se lhes reflete na compleição tolhiça a decrepitude da raça - tem a maior das surpresas ao deparar nas cabeceiras do rio com os silvícolas singulares que as animam. (23)

Se os adjetivos usados para se referir aos índios brasileiros os descrevem ou como a caminho da extinção, ou docilmente observando a colonização da região, a descrição dos nativos do lado peruano tem um tom muito diferente:

Os piros acobreados, de rebrilhantes dentes tintos de resina escura que lhes dão aos rostos, quando sorriem, indefiníveis traços de ameaças sombrias; os barbudos caxibos afeitos ao extermínio em correrias de duzentos anos sobre os destroços das missões do Pachitéa; os conibos de crânios deformados e bustos espantadamente listrados de vermelho e azul; os setebos, sipibos e iurimauas; os mashcos corpulentos, do Mano, evocando no desconforme da estatura os gigantes fabulados pelos primeiros cartógrafos da Amazônia; e, sobre todos, suplantando-os na fama e no valor, os campos aguerridos do Urubamba... (23)

Enquanto os povos indígenas brasileiros, como Euclides os descreve, não representam nenhuma ameaça à exploração econômica da região do seu país, os nativos do lado peruano provocavam medo. Embora o Brasil tenha alcançado o domínio de seu próprio território, o Peru ainda tinha que “conquistar os selvagens”, ainda não tinha controle legítimo sobre o território que queria clamar. Em uma indecisa tentativa de imperialismo nostálgico, Euclides então lamenta a destruição dos povos indígenas, e dessa vez inclui colonos brasileiros e bolivianos entre os agressores: “A civilização, barbaramente armada de rifles fulminantes, assedia completamente ali a barbaria encantoada: os peruanos pelo ocidente e pelo sul; os brasileiros em todo o quadrante de NE; no de SE, trancando o vale do Madre de Diós, os bolivianos.” (23). Mas são os *caucheiros* peruanos que, de acordo com ele, são responsáveis pelo extermínio presente: “Os *caucheiros* aparecem como os mais avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos.” (24). A atípica fraqueza e vagueza do adjetivo (“interessante”) usado para descrever as pessoas nativas que estão sendo exterminadas sinaliza quão pouco convincente a nostalgia do autor na verdade é - e isso acontece em grande parte porque ele pode culpar os peruanos pelos assassinatos em questão. No mesmo ensaio, ele descreve como a expedição binacional encontrou um nativo doente abandonado pelos *caucheiros* peruanos: “Num dos casebres mais conservados aguardava-nos o último habitante. Piro, amauaca ou campá, não se lhe distinguia a origem. Os próprios traços da espécie humana, transmudava-lhos a aparência repulsiva: um tronco desconforme, inchado pelo impaludismo, tomando-lhe a figura tôda, em pleno contraste com os braços finos e as pernas esmirradas e tolhiças como as de um feto monstruoso” (28). Embora esteja se referindo aqui a alguém deixado para trás em um complexo de extração *caucho*, “último habitante” está ligado à nostalgia imperialista sentimental, e trai um grau de pensamento positivo, pois raramente é o “habitante” na verdade o último. No caso de Euclides, a pungência da cena sugere o imperialismo nostálgico, como se devêssemos sentir pena pelo pobre índio que está sendo assassinado pela sua própria “civilização”. Mas não por muito tempo; uma vez mais, Euclides aponta a “verdadeira causa” da morte do índio, os *caucheiros* peruanos: “abrindo a tiros de carabinas e a golpes de machetes novas veredas a seus itinerários revoltos, e desvendando outras paragens ignoradas, onde deixariam, como ali haviam deixado, no desabamento dos casebres ou na figura lastimável do aborígene sacrificado, os únicos frutos de suas lides tumultuárias, de construtores de ruínas...” (28-29). Os *caucheiros* são “construtores de ruínas” porque, diferentemente dos *sertanejos*, eles não se estabelecem em um lugar permanente. Novamente, a lógica de *uti possidentis* permeia o ensaio: Brasil adquiriu o

direito ao Acre do através das atividades dos colonos *sertanejos*. O Peru, por outro lado, está ainda lutando contra seus povos indígenas, e através de homens (os *caucheros*) que não conseguem estabelecer ou construir nada, apenas destruir.

Isso é provavelmente o maior argumento em *Land Without History*, e Euclides o usa sempre. Em “Brasileiros” ele clama que a colonização do que é agora a Amazônia peruana, na verdade havia sido conquistada pelos brasileiros. Foi um brasileiro que, de acordo com ele, “Um brasileiro descobriu o *caucho*; ou, pelo menos, instituiu ali a indústria extrativa correspondente.” (35). Em 1841 foi dada licença exclusiva a um brasileiro para gerenciar uma frota a vapor para carregar mercadorias do leste do Peru descendo o Rio Amazonas. E finalmente *sertanejos* brasileiros foram responsáveis pelos únicos assentamentos de sucesso na Amazônia peruana - os quais caíram em ruínas uma vez que esses brasileiros foram forçados a sair. Aliás, a atividade dos *sertanejos* no Peru incluía assassinato de povos indígenas, mas porque isso aconteceu no passado como parte da tentativa de se estabelecer na região, os assassinatos são descritos como uma luta heroica contra pessoas como os Caxibos, “a tribo mais bravia do vale do Ucaiáli” (35).

Ao fazer essas reivindicações, Euclides nunca declara explicitamente que o Brasil deveria exigir direitos por partes da Amazônia peruana. Pelo contrário, ele tenta legitimar o que foi, na maior parte das vezes, a reivindicação dúbia do Brasil pelo Acre. Ele também quer afirmar a posição superior do Brasil em relação aos seus vizinhos. Que seu discurso era imperialista (no que diz respeito a outras nações sul-americanas) e colonialista (no que diz respeito à Amazônia, que, de acordo com ele, deveria ser “civilizada” pelo Brasil) torna-se mais claro nas explícitas e frequentes comparações com as iniciativas coloniais inglesas e francesas na Índia e na África. No último ensaio dessa coleção ele faz um apelo pela construção da estrada de ferro conectando Cruzeiro do Sul ao Acre porque, apesar das razões econômicas óbvias, permitiria que o Brasil defendesse seu território no caso de guerra.

O herói de Euclides na colonização brasileira da Amazônia é o *sertanejo*, o trabalhador migrante que fugiu do Ceará dominado pela seca. Nesse sentido *Land Without History* é uma continuação de *Os sertões*: os fortes e corajosos *sertanejos* que terminaram o primeiro livro sob ataque do exército brasileiro reaparecem agora no Acre, expandindo as fronteiras brasileiras. Como no primeiro livro, o *sertanejo* de *Land Without History* é um improvável herói que é descrito em termos contraditórios. Por um lado ele protagoniza o que Euclides chama de *colonização à gandaia*, um processo de colonização não planejado e desorganizado, que produziu melhores resultados que as empreitadas da Grã-Bretanha na Índia ou da França na Indochina. Pobre, doente, sem ajuda do Estado

brasileiro, o *sertanejo*, de acordo com Euclides, foi para a Amazônia e matou indígenas, fundou cidades, começou o desenvolvimento acadêmico da região, conquistou o Acre e estimulou iniciativas “civilizatórias” em território peruano, como acabamos de ver. Por outro lado, o mesmo *sertanejo* é apresentado como uma figura patética que buscou sua própria escravidão e não tinha nenhum senso de controle do seu próprio destino.

No primeiro ensaio, por exemplo, Euclides fornece um relato detalhado da resistência econômica do *sertanejo* e da injustiça do sistema de extração da borracha que o escraviza. E ao fim do ensaio ele faz uma reivindicação social forte: “Esta resenha comportaria alguns exemplos bem dolorosos. Fôra inútil apontá-los. Dela ressalta impressionantemente a urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer do homestead que o consorcie definitivamente à terra.” (10). Poderosas e claras como são, as provisões que Euclides demanda requereriam nada menos que uma revolução, e ainda precisam ser implementadas. Não é óbvio como a falta de perspectiva do *sertanejo* pode se tornar, em outras passagens, uma forte ação e capacidade de fazer sua própria história, já que ele é “uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.” (20). O problema não é tanto a descrição de Euclides da extração da borracha como um sistema econômico injusto, como “a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhrou o mais desacomodado egoísmo” (08-09) - o que é essencialmente verdade - mas sua simultânea celebração daquele sistema crucial à economia brasileira e como uma garantia de poder sobre os vizinhos do Brasil. Essa contradição está no centro dos seus ensaios amazônicos, e, como n’*Os sertões*, é provavelmente o que faz desses textos tão atraentes. Como um improvável herói, o *sertanejo* está apto para representar o Brasil como a improvável nação moderna. Em outras palavras, o *sertanejo* é um herói apesar de sua raça mestiça (claramente um problema para Euclides, que acreditava nos preceitos científicos da sua época), sua falta de educação, sua saúde debilitada e um sistema econômico injusto que não o ajudam - precisamente as condições que muitos analistas nacionais e internacionais daquela época acreditavam que deixaria o Brasil de fora da modernidade.

Judas Ahasverus”, que muitos críticos consideram o melhor texto da sua coleção, e o mais circulado dos textos de Euclides, é um bom exemplo de como essas contradições se dão⁹. Centrado na festa folclórica comum do espancamento de Judas, que acontece por todo o Brasil no sábado antes do Domingo de Páscoa, Euclides discute a característica

⁹ Veja, por exemplo, Márcio José Lauria, “Judas-Ahasverus,” *Enciclopédia de estudos euclidianos*, vol 1 (Jundiaí:Jundiaí, 1982).

local especial adquirida na Amazônia, entre os extratores de borracha *sertanejos*. Ao invés de um boneco inespecífico de palha, na Amazônia o Judas era feito, de acordo com Euclides, de forma de se assemelhava ao próprio extrator de borracha (*seringueiro*). O boneco era colocado em um barco pequeno que é mandado rio abaixo, e os *seringueiros* atiravam enquanto o barco passava por eles. Para Euclides, essa manifestação particular de espancamento de Judas é uma expressão de ódio de si:

É um doloroso triunfo. O *sertanejo* esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetus da rebeldia recalcando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram. (30)

“Judas Ahasverus” fica perto de se tornar prosa poética, às vezes um pouco preciosa demais. Ao mesmo tempo, mantém a voz analítica que marca todos os ensaios de Euclides. Claramente o narrador vê o *sertanejo* extrator de borracha como um objeto de estudo sem sua própria voz; uma grande parte do ensaio descreve o boneco de Judas descendo o rio como se ele fosse o extrator de borracha. Nesse papel, o *sertanejo* dificilmente se assemelha ao herói da colonização da Amazônia descrita por Euclides em qualquer outro lugar nesses ensaios. A melancolia, atada ao sistema brutal que não consegue escapar, do *sertanejo* em “Judas Ahasverus” pode apenas recorrer ao seu festival anual de ódio de si. Mas se nós olharmos além da construção sedutora de Euclides do boneco *sertanejo*, nós veremos que todo seu argumento está no cuidado que o *sertanejo* dispõe ao confeccionar o boneco, dando até mesmo seu próprio chapéu. Por outro lado, ambos os fatos são comuns na confecção de bonecos do Judas em todo o Brasil, e não necessariamente sinônimo de ódio de si (afinal, que chapéu o *sertanejo* daria ao boneco que o não o seu próprio?) Porque nunca é dada voz ao *sertanejo*, nunca podemos escutar sobre a diversão que ele e seus filhos devem encontrar naquelas festividades, ainda menos sobre o senso de comunicação implicado no fato de que os *seringueiros* reconhecem os bonecos de Judas que passam como objetos para brincar compartilhados em um jogo.

Judas de Euclides pode ser objeto de ódio dos *seringueiros*, mas também poderia representar os vendedores de barcos que viajam rio acima ou abaixo, os donos dos *seringais*, ou de fato o Judas bíblico. E até a descrição de Euclides da festividade como uma expressão de ódio de si, qual seria a causa desse ódio se não a colonização da Amazônia que Euclides incita e celebra? Ao escolher descrever o espancamento do Judas do *seringueiro* como ódio de si, Euclides culpa as vítimas do processo colonial que ele está

ajudando a promover. A nostalgia imperial é, portanto, transferida aos perpetradores mais fracos do processo colonial, vítimas de um sistema econômico injusto que é o coração e a base de toda iniciativa colonial no mundo.

Os ensaios em *Land Without History* começam com uma janela rara para o processo de consolidação dos Estados-Nação da América do Sul. Em um tempo no qual a borracha era uma das *commodities* mais desejadas no mundo, a Amazônia naturalmente ocupou um papel central nesse processo. A mistura peculiar de Euclides de fortes imagens literárias e argumentação científica positivista (brilhantemente traduzida em inglês vitoriano por Ronald Sousa) nos trazem ao centro do início do pensamento da América Latina do século XX. Se a “verdade científica” foi feita para servir aos interesses das elites racistas e colonialistas, poesia, de outra forma, ofereceu compensação sentimental e compaixão. Nostalgia imperialista ajuda a definir, em outras palavras, o famoso estilo idiossincrático de Euclides. O colonialismo e imperialismo brasileiro nunca, desde então, encontraram expressão numa voz mais eloquente e talentosa que a dele.

REFERÊNCIA

SÁ, Lúcia. “Voicing Brazilian Imperialism: Euclides da Cunha and the Amazon”. Euclides da Cunha, *The Amazon. Land Without History* (critical edition by Lúcia Sá). Oxford: Oxford UP, 2006. xi-xxiii.